

O MEU REINO (SE O TIVESSE)
POR UM CAVALO DE PAU

nã entendo taes maneyras

Duarte da Gama

Andei tantos anos lá por fora! Foram tantos, na verdade, que quase me esqueci de alguns usos e costumes da terra onde nasci, a minha pátria.

Com efeito! Os franceses governam-se com um *tu* e um *vous*, um *Monsieur*, um *Madame*, um *Mademoiselle* e já está. No dia-a-dia, digo eu. Os povos de língua inglesa (esses então!) resolvem tudo com um bendito *you*. Ou pouco mais. Até os espanhóis, tão dados ao saracoteio, além do *tu*, se ficam normalmente por um bom e expressivo *usted*, como um remate de frenéticas castanholas: chega bem. Só nós — pobres de nós!, ruminando ou escoicinhando, salvo seja, nesta terrinha esguia entre a Europa e o mar —, nos agarramos a uma ensarilhada gama de fórmulas obsoletas, ou que assim me parecem, no nosso convívio diário. Gama tão subtil e caprichosa que nem sempre nós próprios sabemos qual escolher. Será preciso dizer mais?

Além do «tu», que é da ordem natural das coisas, há o «vós» (o solene e untuoso «vós»: pensastes, quiserdes, julgaríeis), já quase morto, o coitado, mas ainda estrebuchando com vigor, o «vocêmecê» ou «vomecê», o agora universal «você», ainda não

há muito recebido à patada: «Você é estrebaria!». E o «Senhor», o «Senhora», o «Menina», o «Dona», o «Senhora Dona», o «Vossa Excelência» ou «Vocelência» ou «Vossência», o «Excelentíssimo Senhor», o «Excelentíssima Senhora». E, ainda, o «Excelentíssima senhora Dona», o «Ilustríssimo Senhor», o «Excelentíssimo e Ilustríssimo Senhor», o «Vossa Senhoria». Estará a lista completa?

O «Senhora», «Senhora Dona» ou só «Dona» já me puseram, e por mais duma vez, em situações embaraçosas. Que sempre corrija a tempo por uma espécie de intuição que só posso atribuir a profundas ligações de consanguinidade. A vendedeira de hortaliça do mercado onde cá em casa se abastecem normalmente é a senhora Josefa. Claro. Não a D. Josefa. E nunca por nunca ser senhora D. Josefa. A proprietária da loja onde compro os jornais e os cigarros, já não poderei eu tratá-la por senhora Margarida (in correcção das grandes), mas por D. Margarida, prova de distinção, ainda que modesta. Um *est modus in rebus*. Longe, portanto, de senhora Margarida, mas também de senhora D. Margarida, tratamento a que ela não tem nada que aspirar. E a sua vizinha do lado, esposa dum funcionário das Finanças ou lá que é, só legitimamente pode ser senhora D. Catarina. Não trabalha. Só D. Catarina implicaria excessiva intimidade ou menor consideração. E senhora Catarina, nem brincando. Isso era grosseria de se levar com a porta na cara.

Toda a gente me diz que nos últimos anos (de algo terá servido o 25 de Abril) está em curso uma certa evolução. Muito lenta, claro está. Nisto, como em tudo, um sonolento arrastar de caracol. *E pur si muove!*, hão-de dizer contudo os vetustos e inóquos paladinos da esperança num país de revoluções invulgares, bastante efervescentes e sempre fracassadas. Mas, ao contrário do que seria de esperar de tal evolução, embora muito lenta, o «Dona», por exemplo, está mais vivo e viçoso do que nunca. Graças ao singular conceito de Democracia grassante no país — a Democracia não venceu, a bem dizer, foi rapidamente perfilhada por Gregos e Troianos —, o tal «Dona», em vez de submergir-se no cataclismo imaginário, mostra mesmo uma forte tendência para assentar arraiais definitivamente. Embora fonte de ironias

e pruridos beliscados. «Quem é que hoje não é Dona!», pensam com acrimónia as Donas de transantontem. E mesmo o «Senhora Dona» já se vai ouvindo em muitos casos que, nos bons e velhos tempos, nem «Dona» correctamente admitiriam.

É um avanço às arrecuas, se assim me posso exprimir. O que enche de prazer os acima citados paladinos, que em tudo quanto muda ou pareça mudar vêem obra muito sua e em qualquer variaçãozinha, para a frente ou para trás, sinais indesmentíveis da grande transformação que está aí não tarda.

«Sua esposa», «mulher», «sua senhora». Gradações. Nada fáceis de apreender à primeira. Porque os usos e costumes do meu torrão natal não querem nada — custa-me verificá-lo — com a lógica mais elementar. Mesmo com a lógica tão simples e evidente dum sociedade dividida em classes. Que eu aceito, pois não havia de aceitar. Que até defendo, mas em moldes modernos: poder ser rico ou pobre com dignidade igual.

O «esposa» não se discute. É termo, ou devia ser, só usado de certo nível social para cima, em relações de certa cerimónia e fora disso ridículo. Quem é que vai dizer «A minha esposa não veio»? Mas, quanto a «mulher» e a «senhora», vamos lá devagar.

Entre a gente do meu meio, como no estrato imediatamente superior — porque lá estratos há e há-de haver —, foi sempre corrente e sem dúvida correcto empregar-se «mulher». Qualquer comerciante, ainda que abastado, um médico, um general ou um banqueiro dizem normalmente: «Não tenho visto a tua mulher», «Os meus respeitos a sua mulher». Ou «à sua mulher», se há maior intimidade. Lembro-me bem de, ao voltar ao país, na recepção dum embaixada, uma senhora ainda nova se me ter dirigido nestes termos:

- Sou a mulher do Asdrúbal.
- Do Asdrúbal? Que prazer! E ele? Não veio?
- Foi a Roma por uns dias. Mas tem-me falado tanto de si o meu marido que resolvi apresentar-me. Desejava há muito conhecê-lo.

Era pois a «mulher» do Asdrúbal (não a «senhora», não a «esposa»), ela mesma o dissera. E o Asdrúbal o «marido» — notar a diferença —, não o «homem» dela, o «esposo» muito

menos. Excepção, portanto a registar: feminino «mulher», masculino «marido».

Mas, num nível social mais baixo, pelo menos nos arredores da capital (fale-se só do que directamente se conhece), as coisas mudam um pouco de figura.

Quando voltei de vez, escolhi, para morar, a região de Sintra — a do Byron, com o autódromo agora nas proximidades, estreptoso e estuante de modernidade — e fiz algumas obras na casa que comprei. Gostava de acompanhar os trabalhos de perto, não só para ver se eles seguiam a bom ritmo — um direito inalienável — como porque é muito meu costume meter conversa com empreiteiros e operários. E assim satisfazer cá a minha tineta de conhecer melhor a humanidade toda, sobretudo a da minha pátria, é natural. E, além disso, tinha, como sempre tive, a ilusão de desfazer o fosso secular, ao menos diminuí-lo, aberto entre os que pagam e aqueles que trabalham. Fazia-me familiar. Oferecia-lhes café. Ou, se antes queriam, um copo. Perguntava-lhes pela vida, pelos seus. E uma vez, nessa atitude que irmanava o negreiro, que infelizmente em mim há, e o democrata, que desejo que haja, senti que me estendera ao comprido.

A um dos homens, que sabia casado com todos os requisitos, no registo e na igreja, perguntei:

— E a sua mulher? Vai melhorando?

Que ia indo, obrigado. Mas sem desviar os olhos um centímetro do que estava fazendo. Percebi. «Mulher» naquele caso era pejorativo. «Mulher» são as da vida ou as de pé descalço. O pedreiro, lançado na aventura de subir a construtor e tão recentemente que ainda trabalhava com os operários, às vezes mais que eles, já não tinha «mulher», tinha «senhora». E ficou-me de emenda.

Em contraposição, ele, operário, mesmo que em fase ascendente na carreira, era o «homem» dela. Que não se ofenderia nada se alguém lhe perguntasse: «E o seu homem?» Por aquelas bandas, pois, masculino «homem», feminino «senhora». Outra excepção!

E o «doutor», meu Deus! Esse banal e tão português «senhor doutor»? Essa leitura da abreviatura por contracção («dr.») do

grau de licenciado, que meio país continua a cobiçar? Quem não quer ser «doutor», ainda que só «dr.» — vantagens do código oral sobre o código escrito? Quem não fará tudo para isso, os pais empenhando o que têm e não têm, os filhos estudando, claro, ou inventando mil processos de irem fazendo cadeiras e mais cadeiras, até obterem o sagrado diploma que dá jus ao desejado tratamento? Porque — isto me espanta mais que tudo —, no país de que estive ausente tanto tempo mas é o meu país (a gente pode andar lá por fora a vida inteira mas não quer outra pátria), tal título continua a proporcionar benesses que o simples «senhor» nunca deu nem dará. Apesar — é notável! — da abundância já inflacionária daqueles que o usam. Facilita coisas, abre portas, encurta ou alarga prazos.

É então bastante aconselhável — nisto fui reparando — numa loja, por exemplo, onde se faz uma encomenda, ao chegar a um hotel, em qualquer lado, esses mesmos que podem usá-lo não se esquecerem de acrescentar ao nome a mágica palavra. Com certa discricção, inútil será dizê-lo. Porque impô-lo de caras poderia chocar e ser contraproducente. Mas introduzi-lo habilmente como quem não quer a coisa, fazê-lo adivinhar, produzia o milagre. Há sempre então um sorriso suplementar, um curvar entendido da cabeça, quando não, mais raramente, da coluna vertebral: «Muito bem, senhor doutor», «Pode ir descansado, senhor doutor», «Sempre às ordens, senhor doutor».

A diferença entre um «senhor Carvalho» e um «senhor doutor Carvalho» (na escrita só «dr.») era muito semelhante à que houve, nos bons tempos do grande rapinango e glória, entre o mísero plebeu e o notável, mais propriamente, o filho de algo. Entre um Francisco qualquer (bisneto de quem?, quem o sabia? para quê?) e um senhor D. Francisco, com linhagem. E bens a defender, naturalmente.

Como evitar, assim, ou sequer censurar aquele ideal comum a toda uma nação? E o afã com que, mal obtido o grau, às vezes antes disso, se acorre a exhibi-lo? E até, não raro, entre colegas — «o doutor quer assim?», «pois não, meu caro doutor» — para exemplo e curial retribuição? Como não entender também as rai-
vinhas azedas, ironias, maldosos desabafos de um grande ah-mas-

-estão-verdes com que alguns sem tal grau falam dos que o possuem, pois é bem de uma posse que se trata? Dizem então «ó dõtôr!», «ó dõtôres!», em ar de grande chufa, mas verdes de inveja lá por dentro.

Onde reino não há para quê cavalo? Sobretudo de pau? Todos o querem, no entanto, ou resmungam ou esperneiam se o não têm. Bem se entende porquê.

Agora que cá estou de novo, já instalado e mais e mais me afeiçoando a práticas esquecidas, fui um dia à província a visitar parentes. Que estimo, creio eu, ou que devo estimar de acordo com as normas familiares vigentes. Os bebês fizeram-se homens e mulheres, os jovens velhos, os velhos foram desta para a melhor, dando lugar a novos bebês, por aí fora. O que não impediu que em casa desses parentes me tenha demorado, e com prazer, muito mais do que estava nos meus planos, não nos deles. Porque é gente acolhedora e respeitosa dos vínculos familiares. Não se poupando a esforços para bem me agasalhar, tornando-me a estadia agradável, confortável, direi mesmo memorável. Porque na província alguns usos e costumes se mantêm mais fielmente observáveis que na capital, que, mais açodadamente copiando tudo lá de fora, mais depressa tudo vai perdendo do que é seu. E talvez não só por isso. Em horas de total franqueza, acho que não, não só por isso.

Durante esse prolongado tempo, em casa e no resto da cidade (zinha) onde gozei os paparicos da família, fui alvo de honrarias com que estava longe de contar e que afinal não me desagradavam tanto como digo quando se fala no assunto. Modéstia. Sincera ou falsa, a mais cristã de todas as virtudes. Além de que é esta e continuará a sê-lo *in saecula saeculorum* uma característica bem marcada de todo o bom português: ver muito bem os erros próprios, colectivamente falando (apontá-los, censurá-los, honestamente proclamá-los) e cometê-los avondo quando as coisas lhe tocam pela porta.

A verdade é que não me desagradava mesmo nada — a natureza humana é quebradiça — ser abordado nas ruas deste modo afectuoso e mesmo mesureiro: «O senhor doutor por cá?» Ou, mais familiarmente: «Olha o nosso doutor!» Ou ainda: «Quando

é que podemos contar consigo para jantar, senhor doutor?» Numa loja, num café: «Atendam aqui o senhor doutor», «Um momento só, senhor doutor».

Sou licenciado, com efeito, como milhares dos meus compatriotas. Mas a vida inteira fui, em França e arredores, Monsieur Santos (Monsieur Santousse, assim diziam), tratado como qualquer outro Monsieur, licenciado ou não. E agora isto! Quase levado ao colo de rua em rua, de casa para casa. E só um santo (de outros países, claro, se os santos têm país) ficaria indiferente a tão melífluas mudanças. Que regalo!

É pois provável (não afirmo, presumo) que as atenções de que me vi rodeado, onde quer que estivesse, hajam contribuído muito para essa longa demora na casa dos parentes, tão amigos como praticamente desconhecidos. Que a beleza da cidade, sim, o seu estilo de vida, a sua luz, monumentos e ruas como já não há, tudo isso me agradava muito. Pensei escrever artigos, mesmo um livro. Mas, senhores, àquele ponto?

De qualquer modo, não ia ficar ali o resto da minha vida. Chegou por isso a hora do regresso. E nem a insistência cativante dos familiares me fez mudar de ideia. Que tinha a minha vida, assuntos importantes a tratar. Tinha mesmo de ser. Os meus anfitriões, finalmente resignados (se não aliviados, foi coisa que nunca soube), levaram o seu requinte de bem receber até ao fim. Que era preciso avisar um táxi na véspera da partida.

— Um táxi?

Que sim. A estação ficava um pouco longe da cidade, nem pensar em ir a pé. Para mais carregado.

— Mas de véspera? Arranjar um táxi de véspera?

— É melhor, senhor doutor.

Intromissão da criada (ainda as havia então, ao menos com esse nome), receando o que pudesse acontecer.

— Os táxis são poucos, senhor doutor. Pode não se conseguir nenhum àquela hora, senhor doutor.

Com efeito, o comboio era cedo. E, há dias, o céu aparecera enevoadado. Não augurava coisa boa. Se por acaso chover, senhor doutor, quem é que apanha um táxi livre?

E foi assim que, no dia aprazado — oh terra abençoada, onde gentes e astros cumprem o que deles se espera!, isto até quando? —, não só se começou a ouvir o bater da chuva nas janelas, como, às seis e meia da manhã em ponto, a campainha da porta tilintou. Sem veemência. Respeitosa.

— É ele, o táxi.

Estava a família toda levantada. Reboição. Desceram-me a bagagem, muito aumentada com lembranças da terra e um embrulho arredondo que devia ser um bolo. «Para comer no caminho». Como se me esperasse um dia inteiro de viagem, tendo em vista iniciar de novo a descoberta das Índias. Cuidado com o tempo. Agasalhe-se bem. Não trouxe um guarda-chuva?

No escuro da rua, o motorista esperava. Era um homem risinho, sobre o gordo e baixote, vestindo um grosso capote com gola de pele de coelho, boina basca. E, via-se a distância, a diligência em pessoa.

Estava pegada a chuva. Apesar de noite ainda, o homem disse:
— Bom dia, senhor doutor.

Apressando-se a tomar conta das malas e embrulhos, a arrumá-los no carro, a abrir a porta de trás, à espera de que o senhor doutor entrasse.

Era um nunca acabar de abraços, obrigado, obrigado, agora veja lá se nunca mais cá volta, ai não, não volto, mais abraços, beijinhos, fechou-se a porta de trás, o motorista entrou, bateu a sua porta, adeus, adeus, enfim partimos.

No caminho, conversa. Muito curta, que a estação era a dois passos. Mas o motorista, falador, queria saber se o senhor doutor ia mesmo para Lisboa, se voltaria em breve, se visitara as obras que estavam a fazer nos bairros novos da cidade, mais isto e mais aquilo.

Até que eu, que nunca vira aquele homem, resolvi indagar, fitando as mãos de camponês que manobravam o volante:

— Ouça cá. Desculpe-me a pergunta. Mas o senhor já me conhecia? De algum lado?

Sorriso sabidão do motorista, que o retrovisor começava a deixar ver nos primeiros anúncios da manhã.

— Por acaso não, senhor doutor.

— Então por que me trata por doutor?

O motorista congelou o sorriso, sem atinar com o interesse da pergunta. A pele da gola tapou-lhe a nuca toda e quase a boina, num fundo encolher de ombros que, lá para ele, seria a melhor resposta. Em todo o caso, explicou:

— São ordens do patrão. Trata-me sempre os fregueses por doutor ou por engenheiro. Ele o diz, eu assim faço.

E, pondo o limpa-pára-brisas a funcionar, que a chuvinha engrossava:

— Aqui tem, senhor doutor.

Fiquei banzado. Era impensável!

— Pois desta vez, o meu amigo falhou. Nem doutor nem engenheiro.

O banzado foi então o motorista. E entupido. Há cada um! Mesmo sem ser doutor, que é que me custaria ser tratado assim? O raciocínio dele, com certeza. Mas nada disse. Senão, pouco depois, já se via muito perto, sob a chuva, o halo luminoso da estação:

— Não leve a mal. Eu faço o que o patrão manda e não podia adivinhar.

A boina. Aquela pele de coelho.

— Deixe lá. Faça de conta que eu não disse nada. Só falei por não estar a perceber. Realmente anda meio mundo a querer ser assim tratado.

— E eu que o diga, meu senhor, e eu que o diga. Nem se pode imaginar.

— O seu patrão sabe-a toda.

Assobio do motorista: ih!, se sabe!

Tínhamos chegado. Saltámos para a rua. O motorista tirou a bagagem do carro, muito à pressa por causa da chuva e, ainda mais amável do que seria seu costume, para desfazer equívocos, qualquer má impressão que tivesse causado, agarrou nas malas, nos embrulhos, foi pô-los no interior da estação.

— Obrigado — disse eu, todo na pele do ex-Monsieur Santousse. — Não valia a pena incomodar-se.

E paguei-lhe. Tinha de ir comprar bilhete, talvez faltasse pouco tempo. Mas, com todas as luzes acesas (o comboio não viria por-

tanto muito longe), a estação estava deserta. Só agora se abria a bilheteira.

O homem esperava-me ao lado da bagagem. Queria pôr-me as malas mesmo dentro do comboio? Seria servil a esse ponto? Mas era só para dizer-me, antes de voltar ao táxi, que deixara de ignição ligada:

— Boa viagem, han? E obrigadinho, senhor doutor.

Outra vez? Procurei nos olhos daquele compatriota uma intenção. Se seria troça, desafio, sabia lá o quê. Nada encontrei.

Peguei nas malas, nos embrulhos, levei-os para o cais de embarque, aí fiquei à espera do comboio.

Caía a chuva a toda a volta do alpendre. E, dentro dela, afastava-se o táxi, a caminho da cidade.

1983